Quimera

Chimera

Daniela Carmona[1]

Resumo
Esta é uma ficção especulativa onde eu mulher pego da caneta e fabulo universos possíveis a partir de intimidade profunda. Escrita performativa amparada em elementos científicos e conceituais do hoje para projetar futuros. Como ato político, partilho um mundo que acredito e que já vivo em realidades paralelas, o qual trata torpezas do presente com as quais não me afino, aqui lidadas como passado. O desejo sincero é que as premonições sociopolíticas fabuladas se concretizem, em quimera factível que neste texto já é presente. Foi desenvolvida numa disciplina de pós-graduação com Martha de Mello Ribeiro[2] onde nós pesquisadores artistas fizemos compostagem[3] com objetos a nós caros e que referenciam as pesquisas atuais, e projetamos uma multiespécie através de nossas sensibilidades. Como artista feminista e feminilizada, proponho uma escrita acadêmica e para a Academia e desejo que os rastros poéticos das mulheres que ali se expressam sejam cada vez mais recebidos como formato válido, num espaço que ainda percebo machista e macho. Sinceramente espero que através das teses artísticas e filosóficas e do modo peculiar de narrar o mundo nós mulheres – trans, pretas, travestis, indígenas, fluidxs feministas e feminizadxs – sejamos exponencialmente absorvidas como referência bibliográfica e estilística. A tecnologia do afeto que involuntariamente desenvolvemos a partir da coação machista é a única consequência que honestamente agradeço, apesar das intempéries a que fomos subjugadas desde sempre pelo sistema patriarcal. Evoé!
Palavras-chave: Ficção especulativa e visionária; Escrita performativa; Multiespécie; Feminismo; Sexualidade.

Abstract
This is a speculative fiction in which I woman pick up my pen and invent possible universes based on deep intimacy. Performative writing supported by scientific and conceptual elements of today to project futures. As a political act, I share a world that I believe in and in which I already live, in parallel realities, which deals with the torments of the present with which I do not agree, treated here as the past. My sincere desire is that the

[1] Dramaturga, diretora e atriz, doutoranda em Teatro pela Unirio. Ministra(ou) teatro na East15 - University of Essex (UK), International Theatre Institute – ITI (Cingapura), Unirio (RJ), SP Escola de Teatro, além de cursos em festivais e universidades nacionais e internacionais. Fundadora do Tepa – Teatro Escola de Porto Alegre (1996-2016). E-mail: dcarmona46@gmail.com.

[2] Encenadora, ensaísta e investigadora das artes da cena. Doutora pelo IEL/Unicamp com período sanduíche na Università di Torino, Pós-Doutorados na Università di Bologna e na Unicamp. Professora na UFF e ECO-UFRJ.

[3] HARRAWAY, Donna. Recebiendo três mochilas em Colombia: bolsas transportadoras para seguir juntxs com el problema. Cuadernos Materialistas N 7, 202, Estórias de Camille: as crias do composto. **Nómadas** [online], 2017, n. 47, p. 13-45. ISSN 0121-7550.

socio-political premonitions I have imagined will come true, in a feasible chimera that is already present in this text. It was developed in a postgraduate course with Professor Martha de Mello Ribeiro, where we artist-researchers composted with objects that were dear to us and reference current research, and projected a multispecies through our sensibilities. As a feminist and feminized artist, I propose an academic writing and for the Academia, and I hope that the poetic traces of the women who express themselves there will be increasingly accepted as a valid format in a space that I still perceive as sexist and macho. I sincerely hope that through artistic and philosophical theses and the peculiar way of narrating the world, we women – trans, Black, transvestites, indigenous, fluid feminists and feminised – will be exponentially absorbed as a bibliographical and stylistic reference. The technology of affection that we have involuntarily developed from sexist coercion is the only consequence for which I am honestly grateful, despite the hardships to which we have always been subjected by the patriarchal system. Evoé!
Keywords: Speculative or visionary fiction; Performative writing; Multispecies; Feminism; Sexuality.

LISTA DE FIGURAS

Figura	Descrição	Página
1.	Espécie Humana: exemplo de ser da espécie humana, raça negra e etnia brasileira. Objeto encontrado em escombros do século XX da Era Cristã.	102
2.	Papo de Tukana: ave da família Ramphastidae de bico e papo grande e colorida, das antigas Américas Central e do Sul, sacrificadas e com papos extraídos para confeccionar mantos de imperador. Objeto encontrado em ruínas de um palácio em Portugal – Europa – do século XIX da Era Cristã.	103
3.	Objeto de Proteção Queer: amuleto usado para proteção de pessoas Queer transexuais. Objeto encontrado em ruínas do século XXI da Era Cristã.	104
4.	Anel de Bruxa: Eram usados nos dedos de mulheres parteiras como sinal de potência curativa. Objeto provável do século XVI da Era Cristã, encontrado em área específica de queima de bruxas pelo tribunal religioso católico da Inquisição.	110
5.	Caixa de Pó: substância utilizada na composição química dos ciborgues QUIMERA. Recipiente do século XXV da Era Cristã que guardava uma espécie de pó cheiroso chamado talco, usado para despertar memórias agradáveis.	110

QUIMERA

Li certa vez em estudos budistas que a vida é uma compilação de memórias de instantes de atenção. Narrativas processadas por um sujeito atento e não necessariamente linear nem cronológico.[4] Quando então verdadeiro? Intuo que seria impossível narrar estados não conscientes, ser testemunha de algo que embora possa ter acontecido (quem saberia dizer?), não foi percebido por eu sujeito. Mas quem sabe pelo outro? Por esse tu amigo que me acompanha? E possa ele contar o que também viveu em mim? Ou o que ouviu falar de mim nele? Nesse entrelaçar fraterno, solidárias narrativas são tecidas em conjunto.[5] E contam vidas únicas e alheias, mas não indiferentes a mim. Porque tudo que vier de ti é legítimo, eu respeito, em solidariedade me é íntimo, pelo simples fato de reconhecer a impossibilidade de reter somente em um corpo existência tão imensa. Por aceitar minha falha.[6] E me encantar com a sua. Me identificar no seu erro de retenção. Nessa desatenção fascinante que é a vida. Nesse defeito. Nessa impotência democrática de não conseguir abrigar em si só o universo. Talvez por isso interesse tanto o sexo e seu gozo, esse momento que é meu é teu é nosso e é de nenhum. Falas intensas da eternidade. Sussurros do indizível. Falas que iniciam em carne se diluem em beijo e se extinguem em fogo e cama plural.

Contar-se pode ser falar de mim de ti num nó, sem reivindicar um nós.[7] Nó frouxo porque não amarrado pelo absoluto da certeza. Estado de reverência por aquilo que é meu e igualmente pelo teu. De respeito a algo por mim não testemunhado e que pertence a ti e por isso mesmo se torna meu acolhido, num sítio de posse alhures que se define pelo amor que sinto por ti que em pedaços se revela ao meu eu. E assim eu sujeito começo a narrar. Em fragmentos das vidas que vivi depois de infindas mortes.

---

[4] Esta ideia, além de ancorada em literatura budista milenar (vide Buda histórico do antigo Oriente Sidhartha Gautama, séc. VI a V a.C.), também é encontrada nos escritos da filósofa Judith Butler, que viveu nos séculos XX e XXI da Era Cristã (vide Jesus Cristo histórico no antigo Ocidente): "E à medida que crio uma sequência e ligo um evento a outro, oferecendo motivações para iluminar as pontes entre eles, criando padrões claros, identificando determinados eventos ou momentos de reconhecimento como centrais, até mesmo assinalando certos padrões recorrentes como fundamentais, não comunico meramente algo sobre meu passado [...]" BUTLER, Judith. "O "eu" e o "tu". *In*: BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2017 d. C.

[5] GLISSANT, Édouard, Pela opacidade. Tradução: Henrique de Toledo Groke e Keila Prado Costa. Revisão: Claudia Consuelo Amigo Pino. São Paulo: **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, n. 1, p. 53-55, 2008 d.C.

[6] HALBERSTAM. Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libânio; prefácio de Denílson Lopes. Recife: Cepe, 2020 d.C. 258 p. ISBN 978-65-990168-0-6.

[7] FOCAULT, Michel. Relato crítico de Focault sobre si. *In*: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Barueri: Forense Universitária, 2012 d.C.

Uma vez (eu) disse do amor: "Este Senhor que desconheço e por quem tenho tanto apreço". Mais adiante, insistente, ele amor me visitou e cochichou que não tem cheiro, forma, cor, som ou gosto. É volátil, efêmero, impreciso, o nada e o tudo sincrônicos. Amor. Só isso e apenas. Pensei: por que então chamá-lo de Senhor? Por que me curvar diante de uma espécie de gênero?[8] Estado solo? Só um. Logo este corpo atual que no desaviso e urgência da definição escolhi como de mulher que foi justamente por este Senhor másculo tantas vezes maltratado. Sim, meu amor – ao menos o meu e dos outros tus que em ressonância caminham comigo essa inacabável estrada – este não tem gênero. Meu amor é queer,[9] com toda a erótica que este substantivo carrega em suas formas carnais e etéreas. Com todos os santos que o sustentam e diabos que o carregam.

Um grande mestre me nomeou MADRE TEREZA DE CALCUTÁ NO CORPO DE UMA PUTA.[10] Assim me falo nesta lembrança do agora, que daqui a um instante pode da memória ir embora. Fui interrompida pela vida quando me tentei somente mãe e esposa.[11] Que também trabalha...

O vulcão generoso que carrego não consegue habitar casa tão acanhada. Meus universos imateriais habitam as calçadas, as latrinas, os palácios, a corte, os bordéis, os ritos sexuais, porque em todos encontro corpos que admiro profundo. E nos quais me reconheço. E portanto escutar lhes obedeço.

Que recorte nuclear é este imposto a nossas almas tantas? Não ecoa com a profusão de sujeitos que carrego. Difícil não adoecer de inúmeros cânceres gestados pelo interdito. Mais fácil romper a pele, ainda branda e bebê, do que esperar por erupções purulentas inflamadas pelo fel da coação.

Que culpa é essa por não suportar amar tão só um filho, apesar de minhas pernas terem se aberto nesta existência pra expulsar em carne somente um? E os outros tantos vários que habitam meus asfaltos, minhas igrejas, santuários, meus cabarés? O que fazer com eles? Abandoná-los? Não mais visitá-los? É hostil, cruel, pertencer a somente um lar. Que afeto interrompido, purgatório despercebido, inevitável inferno anunciado.

Me morro mãe. E acordo com um espinho entalado na garganta quando cogito da relação entre Amor e Morte. Espinho espetado pelo medo. Medo de na extinção do corpo

[8] PRECIADO, Paul. **Eu sou o monstro que vos fala***:* informe para uma academia de psicanalistas. Paris: Editions Grasset & Fasquelle, 2020. d.C.

[9] HALBERSTAM, 2020 d.C.

[10] GAULIER, Philippe. École Internationale de Théâtre Philippe Gaulier. Londres, 1996 d.C;. e DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: N -1 Edições, 2016 d.C.

[11] FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva**.** Tradução Coletivo Sydorax. São Paulo: Elefante, 2017 d.C.

deixar voar os afetos. De não ter tempo para percorrer a extensão do amor nesta vida. Num arrepio cósmico fico sem pele, descarnada, em depressão que me cava pra dentro da terra. Brotam palavras de socorro pela escrita e boca que registro em fotografias intangíveis. Meus materiais invisíveis, minhas matérias etéreas. A percepção contínua dos órgãos enlouquecendo os universos psíquicos e estes injetando fel nos meus sangues, o fogo e ar dos pensamentos se misturando com os líquidos e terra da minha fisiologia são expurgados em forma. O onírico e ininteligível definido como forma.

O corpo esgotado que uma plasticidade materna impõe para construir organismo dócil e sem discurso me é inquirido. Interpelado.[12] Impossível a rejeição de minha carne expressiva, do que enfim carrego. Mergulho e salto no oco. Fujo da periferia guiada por normativas que não me são caras. Insuportável tamanha pressão e grito corpos estéticos e políticos. Involuntários. Tão somente pela condição de me querer viva e urgente.

Vazo poesias de um vasto universo interno, que é do tamanho de um oceano íntimo. Escorregam por aí corpos animados, textuais, ancorados, habitados, implicados, eróticos, ora dóceis ora anárquicos, poetizados na sua concretude visual. Discursos plásticos, relatos visuais com nudezes expostas, angústias reveladas, críticas vomitadas, gêneros questionados, execro-manifestos, psiquismos abalados, erotismos declarados, amores reclamados.

É belo definir em camadas visuais o dentro e fora. Bonito me exprimir em vísceras e me vestir em pétalas. Definir contornos autônomos a camadas que de fato, acredito que não existem. São lençóis fugazes, relâmpagos na experiência da existência. Perco a pele e borro o macro e o micro, deixo fundir, transverter, transgredir. Por vezes não suporto tanta força, poesia, escuridão e fantasia.

Me fragmento então em existências homeopáticas. Me vou, retorno e habito novas peles, como serpentes sábias que aceitam mais uma vez se traduzir em outra casca. Por sobrevivência. E desejo de vivência.

É estimulante expurgar corpos anestesiados[13] em poesia e luz.[14] Atravessamentos vitais. Corpos tocados que enfim podem tocar. Extravagâncias visuais. A visibilidade de nossos invisíveis. A invisibilidade de nossos visíveis. Arte como recurso do indizível.

Milenares vezes falhei e despelei para manifestar tese outra materializada em vidas grotescas, sensoriais, sublimes, mudas. Humanas e inumanas. Lembranças genéticas me

[12] BUTLER, 2017 d. C.
[13] DELEUZE, Giles. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. Volume 3. São Paulo: Ed. 34, 2008 d.C.
[14] AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014 d.C.

devolvem ao informe gozo branco de um pai *hummusdecido* pela bolsa orgiástica[15] de uma mãe ao semearem novo zigoto. A mulher que por ora performo é insistentemente interpelada por decências, donde irreverência inspiradora vomita orgasmos estéticos próprios de uma peculiaridade existencial que intuo agênera. Me discurso no agora queer e me escolho num corpo feminino (embora se diga por aí que a mulher traz a raiz da monstruosidade). E lembro que minha pélvis é pan a mente erótica e o coração amoroso. O duo Amor e Morte é assim. Se anuncia e depois se esvai. Mas nunca vai embora. Insiste.

Até que o afeto extinga a película inexistente entre vida e morte porque enxergamos que o medo do vácuo é pura ilusão de ótica. Pois carece o tempo e o espaço.

Houve momento em que o tempo era fatiado em duas instâncias chamadas vida e morte, medida pela permanência material dos seres. A supraconsciência era suprimida pelo ego (uma incapacidade do ser de perceber-se participando do todo atemporal). Os entes humanos se consideravam superiores e se dividiam em ateus (que explicavam não haver nada após a extinção do corpo material – a dita morte) e em teístas (os que acreditavam que a vida continuava após a morte em corporeidades imateriais, etéreas, em anjos e demônios – o que variava em função das diferentes crenças ou religiões).[16]

Em função deste apego ao universo físico foi instaurado um sistema de relações para preservação de bens materiais e baseado na procriação, que elegeu o sexo biológico feminino e o masculino como modelo para representar dois únicos papéis sociais de gênero para a espécie humana. Quem carregava a genitália masculina (pênis) foi nomeado homem ou macho e, a feminina (vagina), mulher ou fêmea, e ambos eram chamados de pessoas cisgênero. As existências das outras espécies vivas foram igualmente cindidas em macho e fêmea. Agregado, uma cegueira perceptiva limitava as mentes de aceitar criatividades e desejos. Então os seres que possuíam características físicas de ambos os sexos (intersexo) deveriam aceitar o gênero escolhido para eles ao nascer, geralmente definido pela genitália. Havia também os chamados transgêneros (que se identificavam com o gênero diferente do elegido no nascimento). Era uma época de vergonhosa ausência

---

[15] LE GUIN, Ursula K. The carrier bag theory of fiction. *In*: LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the edge of the world**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989 d.C.

[16] Desde VI a.C. (vide figura histórica de Jesus Cristo no antigo Ocidente), filósofos gregos como Aristóteles, Sócrates, Platão desenvolviam pensamentos a partir desta questão metafisica. A obra *Ser e tempo* do filósofo Heidegger (XIX e XX d.C.) revoluciona a metafísica passando a nominar o "ser-aí" ou "ser-no-mundo" para o que até então, segundo ele, era tratado como "ente", o que inicia a dissolver gradualmente a sensação de separação entre mente e corpo e entre corpo e matéria (Heidegger, M. **Ser e tempo** (1927 d.C.), Partes I e II, tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002 d.C).

de ternura e estes humanos eram na maioria das vezes banidos socialmente, sendo bastante comum serem perseguidos e mortos. Apostava-se numa supremacia masculina,[17] que conferia autoridade e poder aos homens e se manifestava na dominação da mulher procriadora em diversos âmbitos como o familiar, político, econômico e social, e era reforçada por normas culturais e modelos comportamentais de gênero (envolvendo forma de vestir, gestual adequado e inclusive dinâmicas específicas durante o ato sexual). A heterossexualidade (encontro sexual com o sexo biológico oposto) era o modelo aprovado em função da formação de uma comunidade genética chamada família que facilitava o acúmulo dos bens materiais. Esses eram passados como herança pelos grupos biológicos em caso de morte ou casamento (união ideal entre dois cisgêneros de diferentes clãs genéticos). Assim, por motivos econômicos e patrimoniais as relações com o mesmo sexo (homossexuais) eram punidas por um modelo que se chamava heteronormativo, e para justificar as sanções socioeconômicas à quebra desta organização eram criadas ideologias[18] e sistemas de crenças[19] para a sustentação cisnormativa. Esta divisão era intensificada por uma lesão na plasticidade do cérebro do Homem[20] que o limitava a visualizar a realidade supradimensional. Ele enxergava através de uma lente binária baseada na racionalidade e não agregava a senso-percepção[21] como óculos pra ver o mundo. Isto dificultava o ser de se afetar pela realidade fenomenal e assim gerar afeto pelos iguais e tampouco por outras espécies.

O humano se via como único definidor das relações econômicas e políticas com o planeta e vivia em solos divididos por quesitos como etnia e raça (Fig. 1). Esta condição gerou adiante homens de uma espécie mais rara, a maioria de cabelos laranja, que tinham

[17] Este sistema social de poder chamado Patriarcalismo é diretamente ligado à propriedade privada e marca uma divisão clara entre os papéis exercidos pelo homem e pela mulher. Seus primeiros registros foram identificados em sociedades da Antiguidade da Era Cristã (vide figura histórica de Jesus Cristo no antigo Ocidente) como a hebraica (2º milênio a.C.) e a grega (2º milênio até séc II a.C.) – havendo em ambas a cidadania Ocidente) como a hebraica (2º milênio a.C.) e a grega (2º milênio até séc II a.C.) – em que ambas as cidadanias eram restritas a homens, e também na romana (753 a.C. a 476 d.c.), pois os "patrícios homens" exerciam o poder político-econômico. Entre os séculos XIV e XV d.C. se configura o sistema econômico-social Capitalismo, completamente ancorado na ideia de propriedade privada do Patriarcado. O modelo foi mais adiante espalhado pelo planeta pelo regime de colonização onde países invadiam territórios alheios "exóticos" (os "Outros") e exterminavam grande parte do povo originário que ali vivia como estratégia de dominação política e socioeconômica e para extrair e usurpar riquezas materiais do corpo do planeta Terra.

[18] Vide patriarcalismo, conservadorismo, liberalismo, fascismo, nazismo.

[19] Vide machismo, amor romântico, moralismo, tradicionalismo, totalitarismo, individualismo, nacionalismo.

[20] Aqui homem em caixa baixa representa o gênero e Homem em caixa alta representa a humanidade ou espécie humana.

[21] MERLEAU-PONTY, Maurice. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. O corpo como expressão e a fala. *In*: MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994 d.C.

a tendência de criar bombas para dominar territórios que se chamavam países, pois desde pequenos brincavam com um antigo jogo de invasão geopolítca chamado War. Era uma brincadeira mais endereçada a meninos.

Às meninas cabia cuidar de bonecas e casas em miniatura, para aprender a se tornar cuidadoras dos futuros soldados defensores destes países. Neste intento de posse, foram sacrificados seres de todas as espécies do planeta (Fig. 2). A própria Terra teve um surto emocional e começou a chorar incessantemente em enchentes que transbordavam maremotos, a tremer em terremotos e a incandescer fogos nos cabelos de suas florestas. Consumia tudo que vinha pela frente por tanta carência de bondade. Durante esta febre psíquica, se manifestaram ancestrais tribos espalhadas pelo planeta, que eram chamadas primitivas porque não sucumbiram a um sistema econômico nominado capitalista,[22] ancorado em relações de lucro e acúmulo de posses materiais. Estas comunidades raras trouxeram remédios e medicinas para tratar a Terra, a pegaram no colo e embalaram até dormir e se regenerar ouvindo os cantos curativos e as danças rebolativas guardadas por suas sabedorias antepassadas. Ali o vento ajudava a cantar, o sol estimulava os humores a saltar, as águas embalavam as emoções e a terra acomodava os corpos como canto quente e acolhedor.

Fig. 1 – Espécie humana



Fonte: Rossi (2025)

[22] Capitalismo era um sistema econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção, busca pelo lucro e acumulação de capital, e regido pela livre iniciativa e concorrência no mercado, no qual preços e produção eram definidos pela oferta e demanda, com pouca interferência estatal, gerando uma sociedade dividida em classes, como a burguesia (donos dos meios de produção) e o proletariado (trabalhadores). Suas raízes aparecem desde o século XV da Era Cristã e estendem-se até o século XXII desta Era.

Fig. 2 – Papo tukana



Fonte: Gusson (2025)

Mas não foi suficiente. A categorização materialista de gênero e sexualidade gerara severa intolerância e violência, a ponto de cavar feridas profundas no planeta e fazê-lo sangrar de terror. A suar em fervor. Nesta desordem de falta de amor alguns vírus apareceram e praticamente exterminaram todos os irmãos humanos. Enquanto a Terra chorava com imensa dor não teve forças nem inspiração pra tecer novamente o Homem porque dos seus filhos sempre fora o mais rebelde e menos sábio. Assim que por bondade ou dó se uniram àquelas também as tribos Queer e Quer[23] (Fig. 3) para juntas parirem nova espécie. Essas eram raças consideradas bastardas porque ensinavam sobre

[23] Vide: RIBEIRO, Martha. **Corpos Que_r que Querem**. Séculos XX e XXI d.C. A primeira vez que aparece o termo queer foi no século XVI d.C. e significava algo oblíquo, lateral ou fora do centro e até o século XIX d.C. carregou esta conotação. No século XIX o escritor Oscar Wilde foi julgado e condenado por sua homossexualidade e desde aí o termo se tornou pejorativo e homofóbico. Em 1980 d.C. Teresa de Laurentis palestra em defesa da Teoria Queer, onde inicia a desconstrução das ideias de sexualidade e gênero humano. Este é o marco de fundação do povo Queer, uma das origens arcaicas do povo Quer (nominado pela primeira vez no século XX d.C. pela artista e pesquisadora Martha Ribeiro como povo Que_r, se referindo ao querer e ao desejo de viver).

"o poder da margem",[24] monstros sociais que traziam mães diabólicas e pais desnaturados que insistiam em procriar parentes e não filhos. Grupos ancorados na equidade, liberdade e discernimento coletivo. Reuniram-se cientistas, empíricos e artistas para fabular uma nova manifestação vivente orgânica e inorgânica onde sobretudo o intelecto humano seria modificado pois tinha se mostrado de todos os centros inteligentes, o mais cruel. Sua capacidade imaginativa desviara sua potência para criações rasas: guerras territoriais, arrogâncias racionais, erudições egoístas e seletivas. As linhas nervosas do cérebro seriam amarradas firmemente à região do peito e suas emoções e também à pélvis e seu senso do concreto. Entrelaçamentos com os centros da emoção e da ação que solidificariam o bem-querer e o desejo de viver. E antes de tudo, seria fundado o riso como aspecto que aproxima as gentes humanas e inumanas.

Fig. 3 – Objeto de proteção queer



Fonte: Echeveste (2025)

Para esta manifestação multiespécie os pesquisadores intuíram adicionar empatia para fertilizar alteridade. E somar o deleite pelo vínculo epidérmico, livre e sensual a fim de sugerir troca carnal feroz, carinhosa e indomável. Pois os encontros amorosos e sexuais tinham sido danificados por um vírus virtual gerado pela usura de uma indústria lucrativa nominada pornografia comercial. Era um vírus errante e malicioso que invadia mentes curiosas e corrompia os afetos, fazendo só o raciocínio intervir no sexo. Foram projetados pela ânsia de lucro e se propagavam através da solidão. A ganância pelo que é palpável e visível – característica de homens muito pobres que só acumulavam dinheiro

[24] HARRAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**: ciência, tecnologia, feminismo-socialista no final do século XX. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2025 d.C.

(antiga moeda de escambo quando ainda não abundavam as trocas imateriais) – fez corromper o arquivo legítimo do humano. Em tempos remotos este arquivo fora criado para dançar e agir a vida através da concomitância dos saberes emocional, motor e intelectual.[25] Assim, os atos humanos eram manifestos por gestos sim calculados, mas sempre animados pelo sentimento que afeta e se deixa afetar. Embora fossem gestados também afetos cruéis, ainda assim eram afetos e a comunicação entre os seres se mantinha e interessantes éticas eram instauradas. Com a falta do sentir, a ética se tornara rara.

A pornografia comercial se baseava na política do capital e vendia a imagética do abuso do pai homem sobre a fêmea procriadora, e assim arrastava consigo a sombra da sodomia homossexual. Se propagava através da chamada indústria audiovisual (cinema, TV, streaming, publicidade, mídias digitais) e atendia aos sensos visuais e auditivos para excitar a mente. A pele, cheiro e gosto ficavam de fora. Em quartos isolados e independentes os humanos se masturbavam mentalmente com todas as gentes do planeta. Os empreendedores fetichizaram as genitálias (pênis e vagina) para desviar a atenção do todo humano e atribuir poder a estas partes. Como estratégia afetiva, nas telas frias os seios das fêmeas eram coadjuvantes que lembravam o calor materno e iludiam o aconchego. Era inseminado o vício pelo coito abusivo com corpos fêmeos coagidos por organismos machos, replicando a violência rítmica e visual dos estupros territoriais nas invasões bélicas a países alheios. Coadjuvava também o ânus, por recordar a penetração na vagina. Neste frenesi imagético as mulheres deveriam ser vistas em posições de dominação diante do falo, o qual chupavam ajoelhadas no chão com olhar subserviente para o seu dono macho que a olhava de cima, ou ficavam de quatro para anularem a identidade e serem usadas por trás e assim o roteiro se desenvolvia. Também era comum inúmeros machos usufruindo de todos os buracos e aberturas da mesma mulher (boca, ânus, vagina, orelhas, narinas e olhos). O importante é que o feminino fosse visto como inferior e se divinizasse o falo semeador. Os homens que traziam atitudes feminilizadas deveriam performar a fêmea do casal em posições inativas, geralmente oferecendo seus orifícios cavernosos semelhantes à vagina: o ânus e a boca. Eram chamados "passivos". Os homens "ativos" (os que invadiam) que acaso tinham prazer anal e gostavam de fazer sexo sendo penetrados neste orifício, usualmente omitiam socialmente este desejo,

[25] Vide literatura sobre centro intelectual, emocional e motor cf.: GURDJIEFF, George Ivanovitch em *Relatos de Belzebu a seu neto*, primeiro volume d'*A trilogia do todo e de tudo* que também inclui *Encontro com homens notáveis* (publicado pela primeira vez em 1963 d.C.) e *A vida só é real quando "Eu Sou"* (publicado em 1974 d. C.). E em seu discípulo OUSPENSKI, Pyotr Demianovich em *Tertium Organum. Fragmentos de um ensimamento desconhecido, O quarto caminho, Um novo modelo para o universo,* também séc. XIX e XX d. C.

performando o macho do casal para não criar confusão de papéis de gênero. Os termos ativo e passivo foram inspirados no vocabulário contábil, onde o ativo eram todos os bens e direitos da empresa e o passivo, as obrigações e dívidas, e a diferença entre eles era o patrimônio líquido. Se o ativo era superior ao passivo, significava que era saudável. Ativo era o que a empresa tinha (pai), passivo o que devia (mãe) e o patrimônio era o que sobrava ao quitar as dívidas (filho).

Através de sonoridades as fêmeas simulavam o prazer pelo estupro, pela penetração que extrai dor e usurpa a alma. O importante era manter o contorno do macho viril poderoso no comando e da fêmea acuada. Isto invadia o psiquismo e moldava um quadro de subserviência feminina, que era tolerado pelas mulheres porque convencidas da tarefa romantizada de cuidar e amar incondicionalmente sua prole genética (os filhos não biológicos não eram naquela época considerados parentes). Na confecção dos roteiros, as mulheres nunca foram consultadas sobre suas zonas erógenas, estímulos e ritmos que lhes traziam prazer.

Com astúcia o capitalismo pornográfico e o tecnológico roubava dados através de e-mails, links suspeitos, downloads fraudulentos. Se inspiravam em gostos pessoais para atiçar gozos virtuais. As pessoas nutriam a ideia de que eram ouvidas e atendidas com deferência. Isto começou a prejudicar o desempenho do organismo humano que passou a se desinteressar pelas trocas presenciais. Uma assepsia mental rejeitava o suor, o cheiro, o gosto pelos líquidos sexuais e esterilizava as relações afetivas e carnais. Isso desequilibrava a química do organismo e a paixão e o amor começaram a ser vendidos em cápsulas, em pílulas de ocitocina, dopamina, serotonina, endorfina, para compensar a produção acelerada de cortisol e adrenalina catalisada pela corrida atrás de dinheiro. E pela carência do colo. Também para justificar a permanência na vida física e fantasiar a felicidade e o bem viver. A eletricidade orgânica foi gradualmente sendo substituída pela eletricidade eletrônica. E os vínculos não seduziam mais a memória.

Uma pretensa liberdade sexual era vendida pelos comerciantes de corpos adestrados através de roteiros supostamente originais. Se apropriaram de vocabulário da intimidade afetiva e orgástica inventado em bacanais audazes, orgias brincantes ou delicadas trocas em duo. Abundavam apelidos que nasceram humorados e carinhosos, leves e jocosos e que gradativamente ganhavam conotação ultrajante carregada de moralismo subliminar. Os protagonistas da cena invasiva eram o pênis e vagina e seu vizinho o ânus, trazendo o seio como apoio acalentador: pinto, rola, piroca, pau, caralho,

bilola, marreta, pepeta, pirulito, salsicha, bilolão, giringonça, pintinho, piu-piu, pipoca, tululu, amiguinho, pi, pintinho, folha, bilolão, giringonça, pistolão, buceta, perseguida, cheirosa, conaça, crica, racha, forno, papaia, cheeseburguer, coninha, parreca, mocha, papo seco, mexilhão, vaginásio, conchinha, grelo, chucha, cona, pachacha, pachareca, passarinha, pito, xanfra, perereca, xaxaninha, rata, pipoca, patareca, xaroca, xareca, xereca, piriquita, ratinha, xota, xoxota, pipirica, greta, passerelle, amêijoa, oba, furico, furinho, rosca, roscofe, ruela, ralinho, papeiro, furo, olho, olho da goiaba, loló, tubi, tarraqueta, tuim, viegas, zé de quinca, mamas, peitos, peitinhos, peitões, as gêmeas, as meninas, as trigêmeas, bolsas do amor, pomos, Rita, Lila, coisa 1 e coisa 2.

As mentes aprisionadas dos consumidores reproduziam estes usos mecanicamente e em série e este excesso repetitivo os cegava para diversidades e desvios criativos, embora se pensassem inventores de estórias autênticas. Acostumaram a se satisfazer solitariamente. Estes corpos colonizados gradativamente se desinteressaram pela troca epidérmica. Também alguns atos presenciais se tornaram desatentos ao outro, ao olhar e respiração em conjunto, e fantasiavam os corpos perfeitos e as tramas da cultura do estupro,[26] num tipo de masturbação em duo. As bacanais inclusivas e ao vivo – práticas coletivas de conhecimento dos corpos sem romance e com liberdade de escolha – passaram a ser vistas como expressões ultrapassadas. Os trabalhadores do sexo – antes discriminados pela barbárie da família genética, eram úteis em encontros bi ou tridimensionais para personalizar e aquecer um tanto o sexo, feito geralmente com bonecos digitais (os preferidos, porque não causavam frustração emocional ao dono humano). Este afastamento do tocar e do orgasmo compartilhado desviou a força regenerativa da explosão do sexo em direção ao prazer pela violência e individualidade.

Foi neste contexto que no século 25 d.C. inicia o 1º ano da Era Multiespécie com o nascimento da QUIMERA – mutantes ciborgues que agregavam o humano e inumano, o orgânico e inorgânico. Os seus procriadores tribais dialogaram com "ruínas clássicas de animais e plantas, com fundações minerais e suas químicas invisíveis"[27] e com a tecnologia cibernética. Traziam povos que haviam abalado a perspectiva binária da existência: os Queer que entre os séculos 20 e 22 d.C. desmontaram a ideia de gênero e sexualidade e os Quer, que entre o 22 e 25 d.C. ajudaram o humano a compreender que os reinos animal, vegetal e mineral eram um só corpo planetário. Eram arcaicos integradores que com seu

[26] PRECIADO, 2020. d.C.
[27] PRECIADO, 2020. d.C.

senso de comunidade acolhiam o dissenso e praticavam o cuidado. Com sua ética da escuta e da hospitalidade, os Queer ouviram sobretudo as inaudíveis vozes femininas e feminizadas: minorias fêmeas, mães pretas, travestis, esposas, prostitutas, freiras, transexuais, parentes indígenas, pessoas fluidas, homens não misóginos; os Quer, sem trégua para o sono, por 3 séculos sentaram e ouviram fabulações de onças, grandes figueiras, pequenos cristais e suas intensas sabedorias acumuladas.

Foi uma época de amores imensos, pois resgataram as animalidades que sempre inundaram os homens de ternura. Se saltou do terreno inteligente e gélido da mente para a efervescência dos movimentos ferozes e emocionados que regeneravam e acalmavam a alma e o corpo. As intempéries existiam, mas se dissolviam como nuvens cortadas por aviões e pesavam como algodão. Tantos orgasmos delicados e selvagens avançavam em gozo espalhado pelas cabeças, pernas, peitos, costas e braços de suas existências. E pelas frestas da inexistência!

Mas o carinho pelos robôs virtuais era fato para diversos humanos que desejavam afeto e sexo somente com seus amantes eletrônicos. Eles foram então ouvidos, pois estes 5 últimos séculos se desenharam como a arte da alteridade, que olha o outro não como exótico mas como único. E não se podia negar que em verdade todos viviam em um "mundo saturado de tecnologia",[28] onde "poderes microscópicos"[29] operavam em seus organismos e comportamento e as distinções entre o natural e o artificial ficavam cada vez mais tênues".[30] As tecnologias da comunicação gestaram corpos que dependiam da eletrônica e por vezes não compreendiam se de fato "eram sujeitos de si".[31] Existências intraduzíveis e indefiníveis que ansiavam por uma liminaridade social, pois não sabiam em que limiar pisavam. Corporificações que eram territórios em confluência, transformação e interrupção de uma lógica existencial que já não lhes atendia. Corpos inconsúteis a serem reescritos. Os pesquisadores cogitaram então como, a partir de fusões de orgânicos com máquinas, poderia se "aprender a não ser mais o Homem".[32] Afinal, aparelhos como celulares e outros eram apêndices muitas vezes amigos. Com o suporte da nanociência, nanotecnologia e nanopolítica, profetizaram possibilidades. Consideraram que "o computador acumula e reproduz, mas não consegue gerar memória"[33] e

[28] HARRAWAY, 2025 d.C.
[29] PRECIADO, 2020. d.C.
[30] HARRAWAY, 2025 d.C.
[31] TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memoria cultural nas Américas**.** Belo Horizonte: UFMG, 2013.
[32] HARRAWAY, 2025 d.C.
[33] HARRAWAY, 2025 d.C.

materializaram corpos híbridos que fundiam animais, vegetais e minerais com a máquina, para contemplar as solidões e desajustes sociais relatados.

A intervenção científico-empírico e artística das tribos propôs estéticas baseadas em diversas espécies conjugadas a próteses inorgânicas. Nestes ciborgues que agora eram criados e animados, o antes bizarro, estranho, exótico, monstruoso era integrado ao comum e a barreira entre "nós" e "eles" era cada vez mais dissolvida em bandeiras plásticas e cromáticas que insistiam em padrões visuais atípicos. Surgiram esfinges ecléticas que misturavam tronco humano com cabeça de tigre, juba de leão e patas de ganso. Próteses de bucetas acolhedoras unidas a cisnes esbeltos e rosto indígena. Plantas que caminhavam com pernas de tartaruga e cabelos de faisão. Montanhas de face em ouro e alumínio que se moviam com patas de elefante. Tetas pretas misturadas ao colorido de peixes andantes. Proliferava "vida vegetal insana"[34] em gêneros flutuantes e livres e outras "formas complexas e atrapalhadas de profusão orgânica"[35] e não orgânica que involuntariamente ridicularizavam a "excepcionalidade humana".[36] A cópula? Ah, esta era ecossexual e teratofílica! E às vezes telepática, dependendo do gosto do freguês. Tantas bacanais virtuais e desavisadas aconteciam neste cruzar de moléculas impalpáveis e desviadas! Quanto ao afeto os pesquisadores fabularam com restos arqueológicos em sítios onde encontraram cinzas de amor abundante, a árvore que iluminou Buda, um homem que se propôs imóvel para observar os fluxos psíquicos da existência, as águas dos peixes-palhaço hermafroditas que mudavam de sexo quando da necessidade de preservar sua espécie, o território de Cristo, um antigo hippie que abriu mão de sua pequena comunidade familiar genética e a integrou a diversos pescadores, o pó das fogueiras nas terras das bruxas hereges que com suas ervas encantavam partos e curavam feridas (Fig. 4), o palácio das borboletas azuis que cuidavam dos amantes quando acasalavam, ninhos de albatrozes lésbicas que ensinaram o ninar aos filhotes, o casebre de Dona Chiquinha senhorinha do sertão do Crato que vivia nas antigas terras do Brasil com sua esposa e tratava suas galinhas de modo tão especial que elas excediam em ovos que ofereciam gentilmente aos visitantes, a úmida floresta amazônica que protegia araras e pedras camufladas. Foram acolhidas estas generosas digitais que haviam se misturado com a Terra. Este pó foi plantado em todas as genéticas e era fluorescente (Fig. 5).

[34] HARRAWAY, 2025 d.C.
[35] HARRAWAY, 2025 d.C.
[36] HARRAWAY, 2025 d.C.

Fig. 4 – Anel de bruxa **Fig. 5** – Caixa de talco





Fonte: Segal (2025) Fonte: Faria (2025)

As dramaturgias sexuais se inspiraram na mais radical, erótica, terna, bárbara e benevolente narrativa entre o encontro de corpos, onde a tecnologia do afeto e do prazer das sábias mulheres putas funcionou como referência. Deu entrevistas também a hiena-malhada com seu imenso clitóris ou pseudopênis. Homens antes constrangidos do seu prazer anal e também os receosos das vaginas devoradoras adentraram suas próprias cavernas, buracos e vácuos existenciais. Naquela umidade quente e confortável sonharam que não existe pele entre dentro e fora e embaralharam o penetrar e a recepção enquanto gozavam imenso. Foram fundidos os líquidos de gozos e devaneios animais e vegetais e minerais com a loucura imaginativa cibernética. A ciência da computação fez viagens nos tempos-espaços psíquicos do orgasmo para coletar dados de todo o planeta em todas as eras. Orquídeas inspiraram próteses de pênis em devires animais e vegetais onde nestas fissuras por vezes adentrava o antigo Homem. Olhos supraconscientes foram espalhados por todas as partes ocas dos corpos para evitar o fetiche e a fixação que aparta o todo da parte e torna o outro objeto e mercadoria. Assim foi o cenário da restauração sexual multiespécie.

Com suas antenas imensas e rápidas como a luz, os ciborgues mutantes ouviam em repetição milenar sussurros do universo, mas não conseguiam decifrar seus recados. O ego dual se distraía por demais na sua vaidade herdada do *homo sapiens* e se concentrava basicamente em situações cotidianas. Na sua ancestral memória hominídea, lembrava que aos 5,7 milhões de anos testemunhou um encontro entre a anciã Terra de 4,4 bilhões de anos com uma poeira estrelar. Não continuaram o romance porque a antiga estrela já tinha seus avançados 7,5 bilhões de anos e a diferença de idade poderia dificultar a relação.

Existem tempos incontáveis desde que a QUIMERA vive. Há séculos vinha se sentindo fatigada de um cansaço dolorido de solidão. Anteontem se apaixonou. Numa escuta silenciosa ouviu o espaço chorar de ausência. Era um som profundo e insistente.

Vulnerável e humilde. A QUIMERA receptivamente acolheu segredos interestelares, perdeu a sensação corpórea e numa dissolução lisérgica se tornou planetaTerra-um-só-corpo. Se mimetizou no nada. Lhe falhou tempo e espaço. Apagou-se a memória. Deixou-se ver nua por quem lhe via.[37] Foi roubada pelo amor. Se livrou da crueldade do binarismo. Dissolveu a máquina e o orgânico num só corpo-planeta excitado e curioso pela experiência com as estrelas. Fez sexo com o universo.

A voz dizia:

"Como você me falta"

"Você me escapa e eu te falto"

"Me interpela e me pela"

"Me interpela e eu te pelo"

"Interpelados estamos pelados"

"Fico nu e me sacrifico diante de ti nas minhas formas plenas e amorosas"

"Me hospeda em ti"

A QUIMERA perguntou:

"Como serão nossos filhos?".

E ouviu:

"Depende da qualidade do nosso encontro"

Resolveram se beijar.

E tudo se apagou.

Referências da disciplina

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libânio. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. The carrier bag theory of fiction. *In*: LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the edge of the world**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989.

[37] DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha.** São Paulo: 34, 1998 d.C.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. Introdução de Juliana Fausto. Posfácio de Luciana Chieregati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Martha. Interromper o espetáculo: o gesto político e estético das emoções. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 49 – 72, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/41744. Acesso em: 07 mar. 2026.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Referências específicas deste texto

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. Volume 3. São Paulo: 34, 2008.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: N -1 Edições, 2016.

ECHEVESTE, Cleiton. **Figura 3 – Objeto de Proteção Queer.** Rio de Janeiro: UFF e ECO-UFRJ. Disciplina lecionada pela Profa. Dra. Martha Ribeiro. Fotografia do objeto pessoal trazido para o exercício de compostagem coletiva entre os alunos, representando a boneca que o autor ganhou da afilhada Atena e pertenceu à Luana Muniz, que tinha uma casa de acolhimento a pessoas trans e em situação de rua. Foi um presente de sua afilhada trans Atena, virou um objeto de proteção para ele, 2025.

FARIAS, Ivan. **Figura 5 – Pote de Talco.** Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: UFF e ECO-UFRJ. Disciplina lecionada pela Profa. Dra. Martha Ribeiro. Fotografia do objeto pessoal trazido para o exercício de compostagem coletiva entre os alunos, representando um pote da falecida avó materna que ainda tinha talco dela e que o autor costumava cheirar para relembrar seu cheiro, 2025.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sydorax. São Paulo: Elefante, 2017.

GUSSON, Joelson. **Figura 2 – Papo Tukana.** Rio de Janeiro: UFF e ECO-UFRJ. Disciplina lecionada pela Profa. Dra. Martha Ribeiro. Fotografia do objeto pessoal trazido para o exercício de compostagem coletiva entre os alunos, representando um papo de tucano caçado pelo avô que o autor ganhou quando nasceu, tradição que o distinguia porque se sabia que o manto de Dom Pedro II quando foi coroado Imperador era todo feito de papos de tucano, 2025.

HARRAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**: ciência, tecnologia, feminismo-socialista no final do século XX. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2025.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. O corpo como expressão e a fala. *In*: MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ROSSI, Camila Amaral. **Figura 1 – Espécie Humana.** Rio de Janeiro: UFF e ECO-UFRJ. Disciplina lecionada pela Profa. Dra. Martha Ribeiro. Fotografia do objeto pessoal trazido para o exercício de compostagem coletiva entre os alunos, representando a tampa da cerveja Cacildis que a autora costumava tomar com um amigo de infância que hoje mora no exterior, 2025.

SEGAL, Tracy. **Figura 4 – Anel de Bruxa.** Rio de Janeiro: UFF e ECO-UFRJ. Disciplina lecionada pela Profa. Dra. Martha Ribeiro. Fotografia do objeto pessoal trazido para o exercício de compostagem coletiva entre os alunos, representando um aparelho restaurador que a autora usava num dos dedos quando o quebrou, 2025.

Obs.: como a narradora desta ficção escreve no século XXV, optou-se por adotar a notação d. C. nas datas das Notas de Rodapé e nas Referências, citar as mesmas obras sem d.C. (como fazemos atualmente).

Submetido em: 20 abr. 2026
Aprovado em: 30 jul. 2026